

RESENHAS

Recebido em 5 de março de 2020
Aprovado em 15 de março de 2020

HOUGH, Carole (ed.). *The Oxford Handbook of Names and Naming*.
Oxford: Oxford University Press, 2016.
774 p. ISBN: 978-0198815532.

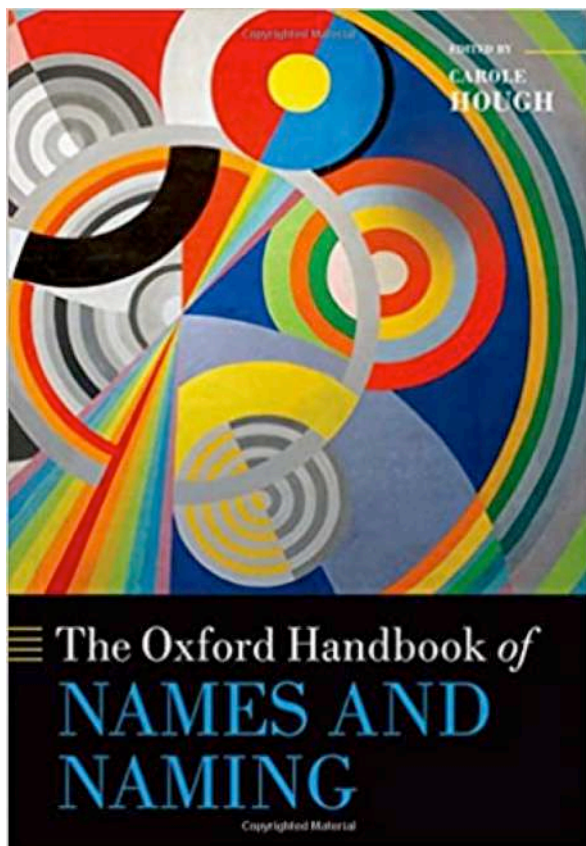
DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i3.32696>

Cezar Alexandre Neri Santos

Professor do curso de Letras/Língua Portuguesa do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas. Doutor em Linguística Histórica pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Mestre e Graduado em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: neri.ufal@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1021-2459>



No primeiro semestre de 2016, estudiosos e entusiastas da onomástica tiveram acesso a uma obra ímpar acerca de nomes próprios e de processos de nomeação em geral, *The Oxford Handbook of Names and Naming*, coletânea que faz parte da série *The Oxford Handbook in Linguistics*, com 32 volumes já publicados até o fim de 2019. Escrito integralmente em língua inglesa, pode ser adquirido em três formatos: *e-book*, cujo valor de aquisição é mais econômico; *paperback*, que se trata de uma versão com capa comum em um valor aproximado do *e-book*; e *hardcover*, versão com capa dura, num total de 832 páginas. Esta resenha se constituiu a partir da versão *paperback*, um manual de 774 páginas cuja excelência editorial da *Oxford University Press* se destaca.

Esse volume é composto por pesquisas onomásticas, majoritariamente numa perspectiva eurocêntrica, mesmo que se confirmem descrições e análises de línguas e de culturas ao longo da obra, da família indo-europeia a línguas/dialetos e culturas minoritários dos cinco continentes. Isso pode ser atestado com o exame de duas seções pós-textuais: o *Index of Languages*, que lista um total de 145 línguas ou dialetos – a língua portuguesa é referida em quatro artigos e não há menções específicas a línguas autóctones brasileiras –, e o *Subject Index*, na qual o item *Brasil* é mencionado em três artigos. A editoria da obra ficou a cargo da professora britânica Carole Hough, ex-presidente do *International Council of Onomastic Sciences* (ICOS) e atual docente na Universidade de Glasgow, na Escócia, com a contribuição de Daria Izdebska como sua assistente nessa empreitada.

Quanto aos elementos pré-textuais, além de dedicatória, prefácio, sumário, lista de figuras e de abreviaturas, lista-se uma breve biografia dos 43 autores/as – 18 dos quais mulheres. Coube à editora a escrita da seção de Introdução, resumindo criticamente o conteúdo das sete partes que compõem esse manual e apresentando a urgência de uma obra dessa natureza: uma coletânea de estudos de notáveis onomasticistas que destaca de temas tradicionais a contemporâneos, em termos teóricos e aplicados.

Como mencionado, os 46 capítulos desse manual estão divididos em sete partes. Os três capítulos que compõem a primeira parte, *Onomastic Theory*, enfocam aspectos relacionados à teoria onomástica, a saber: i) nomes próprios e gramática (*Names and Grammar*), de Willy Van Langendonck e Mark Van de Velde; ii) nomes próprios e significado (*Names and Meaning*), de Staffan Nyström; e iii) nomes próprios e discurso (*Names and Discourse*), de Elwys De Stefani.

A segunda parte, *Toponomastics*, é composta por oito capítulos e apresenta a diversidade de perspectivas teórico-metodológicas e aplicadas da Toponímia, iniciando-se por um artigo de Simon Taylor de natureza metodológica acerca dos nomes próprios de lugares (*Methodologies in Place-name Research*). Em seguida, arrolam-se pesquisas específicas dos signos em função toponímica: i) nomes de localidades (*Settlement Names*), por Carole Hough; ii) nomes de cursos d'água (*River Names*), por Svante Strandberg; iii) nomes de colinas e de montanhas (*Hill and Mountain Names*), por Peter Drummond; iv) nomes de ilhas (*Island Names*), por Peder Gammeltoft; v) nomes rurais (*Rural Names*), por Julia Kuhn; vi) nomes de rua: uma paisagem urbana em mudança (*Street Names: a Changing Urban Landscape*), por Bertie Neethling; e vii) um fenômeno onomástico aqui traduzido como 'nomes próprios transferidos' (*Transferred Names and Analogy in Name-formation*), por Stefan Brink. Pelo emprego desse *modus nominandi* no "Novo Mundo", esse último tópico se assemelha à 'saúde portuguesa na toponímia brasileira', assinalada por Antenor Nascentes, em texto homônimo de 1960.

A Parte III, *Anthroponomastics*, também abrange oito artigos. O primeiro deles assinala aspectos genéricos da nomeação de pessoas (*Personal Naming Systems*), de Edwin D. Lawson, seguido pelos trabalhos: os nomes próprios nos sistemas denominativos na Europa (*Given Names in European Naming Systems*), de Katharina Leibring; nomes de família (*Family Names*), de Patrick Hanks e Harry Parkin; cognomes/ apelidos (*Bynames and Nicknames*), de Eva Brylla; etnônimos (*Ethnonyms*), de Adrian Koopman; estudos que discutem a relação dos nomes pessoais com a Antropologia (*Personal Names and Anthropology*), de Ellen S. Bramwell; e com a Genealogia (*Personal Names and Genealogy*), de George Redmonds.

A quarta parte da obra, *Literary Onomastics*, arrola textos de uma subárea ainda com poucos estudos na onomástica brasileira. Inicia-se com um capítulo de natureza teórica acerca da nomeação em *corpora* ficcionais – *Theoretical Foundations of Literary Onomastics* –, do estadunidense Grant W. Smith, seguido por um estudo aplicado a duas canções – *We Didn't Start The Fire* e *Hot Gates*. Esse é o longo título do artigo assinado por Bertie Neethling: *Names in Songs: A Comparative Analysis of Billy Joel's We Didn't Start The Fire and Christopher Torr's Hot Gates*. Os três capítulos que finalizam a parte IV têm caráter teórico-analítico e analisam os nomes próprios contidos em textos literários de épocas, de gêneros e de origens diversas, a saber: *Genre-based Approaches to Names in Literature*, de Birgit Falck-Kjällquist; *Corpus-based Approaches to Names in Literature*, de Karina van Dalen-Oskam; e

Language-based Approaches to Names in Literature, de Paul Cavill, que assinalam como estudos dessa natureza são comparativamente recentes em relação à Antroponímia e à Toponímia tradicionais, bem como a discussão de pontos positivos e de limitações na incorporação de *corpora* digitais.

Os artigos apresentados na Parte V, *Socio-onomastics*, destacam como os nomes próprios podem ser tomados sob uma abordagem crítica, apresentando interfaces e aplicações em relação a demandas sociopolíticas contemporâneas nos atos denominativos. São exemplos disso os estudos sobre nomes em sociedade (*Names in Society*), de Terhi Ainiala, e questões identitárias (*Names and Identity*), de Emilia Aldrin, além de temáticas como: paisagens linguísticas (*Linguistic Landscapes*), por Guy Puzey; questões acerca da percepção e das atitudes toponímicas (*Toponymic Attachment*), por Laura Kostanski; questões semântico-pragmáticas relativas a formas de tratamento de pessoas (*Forms of Address*), por Irma Taavitsainen e Andreas H. Jucker; além de debates acerca de pseudônimos (*Pseudonyms*), por Katarzyna Aleksiejuk, e de nomes comerciais (*Commercial Names*), por Paula Sjöblom. Estes temas, produtos da ampliação de princípios teórico-metodológicos e epistemológicos da onomástica a partir da década de 1990, confirma o postulado por Berg e Vuolteenaho (2009), especialmente pela interface com estudos sociolinguísticos, etnográficos e cognitivos que caracterizam uma reviravolta crítica (*critical turn*) nas pesquisas da área.

Como o caráter interdisciplinar tem sido maciçamente destacado nos estudos onomásticos, não surpreende que uma seção inteira dessa coletânea tenha sido dedicada à interface teórico-metodológica de estudos de nomes próprios com outras disciplinas. Assim, a penúltima parte da obra, *Onomastics and Other Disciplines*, destaca a relação dos nomes próprios com: a arqueologia (*Names and Archaeology*), por Richard Jones; a psicologia cognitiva (*Names and Cognitive Psychology*), por Serge Brédart; a dialetologia (*Names and Dialectology*), por Margaret Scott; a geografia (*Names and Geography*), por Peder Gammeltoft; a história (*Names and History*), por Gillian Fellows-Jensen; a linguística histórica (*Names and Historical Linguistics*), por Richard Coates; os contatos linguísticos (*Names and Language Contact*), por Berit Sandnes; o direito (*Names and Law*), por Andreas Teutsch; a lexicografia (*Names and Lexicography*), por Alison Grant; e um estudo acerca da toponímia de natureza religiosa (*Place-names and Religion: A Study of Early Christian Ireland*), por Kay Muhr.

Na sétima e última parte, intitulada ‘Outro tipo de nomes próprios’ (*Other Types of Names*), estão os capítulos de menor extensão, voltados a uma série de referentes não tradicionais, cujos signos linguísticos não se apresentam como onomásticos prototípicos. Nela, são debatidos aspectos linguísticos e extralinguísticos acerca da denominação: de aeronaves (*Aircraft Names*), por Guy Puzey; de animais (*Animal Names*), por Katharina Leibring, de objetos astronômicos (*Astronomical Names*), por Marc Alexander; de habitações (*Names of Dwellings*), por Adrian Koopman; de navios (*Ship Names*), por Malcolm Jones; de locomotivas e trens (*Railway Locomotive Names and Train Names*), por Richard Coates. Os professores que assinam mais de um artigo na obra são: Katharina Leibring,

artigos 14 e 43; Bertie Neethling, artigos 11 e 21; Guy Puzey, artigos 27 e 42; e Adrian Koopman, artigos 17 e 45; além da editora, Carole Hough, que escreveu a seção introdutória e o quinto artigo da obra.

A escolha editorial de listar as referências citadas na Introdução e nos 46 artigos apenas após essa sétima parte se mostrou acertada, sendo que a seção *Bibliography* configura quase cem páginas do volume, disposta entre as páginas 661 e 756. Identifica-se que os autores que compõem a obra – majoritariamente de origem anglo, nórdica e eslava – e, conseqüentemente, parte substancial das referências, têm raramente constado na bibliografia das teses e dissertações de toponímia ou de antroponímia brasileira, em parte justificada pela influência dos escritos da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick – especialmente na obra *Toponímia e Antroponímia no Brasil* (DICK, 1990). Recensões aprofundadas em artigos, livros, teses e dissertações nos programas de pós-graduação e nos dossiês temáticos brasileiros que abordem nomes próprios tendem a confirmar que as referências clássicas da Toponímia e da Antroponímia são de origem portuguesa, a exemplo de Joseph Piel e de Leite de Vasconcellos, e francesa, notadamente Albert Dauzat, de modo que os estudos onomásticos alaistrados no Brasil a partir dos anos 1990 apresentam tradição bibliográfica luso-francesa, tomado na obra, como uma *abordagem histórico-filológica* (TAYLOR, 2016, p. 69s).

Um cotejo às temáticas trabalhadas nas pesquisas contidas no livro e nos estudos onomásticos brasileiros permite atestar que alguns objetos de pesquisa se apresentam carentes de investigação por parte dos estudiosos nacionais – quase que exclusivamente professores (e seus discípulos) da área de Letras/Linguística de universidades públicas. Assim, as discussões e os resultados contidos nessa literatura, bem como em periódicos e em anais de eventos internacionais, até então exclusivos em línguas estrangeiras, como inglês, alemão, húngaro, francês e russo, para citar apenas algumas, constituem leitura necessária para (postulantes a) especialistas brasileiros. Esses devem, por dever e por direito, acessar essa coletânea, não apenas sob pena de desatualização quanto ao estado da arte da área, visto que se configura um importante inventário de questões teórico-metodológicas não abarcadas pela “escola luso-francesa”, mas também pelo aprofundamento e pela atualidade das temáticas apresentadas. Quanto aos não especialistas, certamente podem tomar a obra como referência abalizada para conhecimento dos mais diversos sistemas de nomeação de pessoas, de lugares e de referentes vários, animados ou inanimados.

Referências bibliográficas

- BERG, Lawrence D.; VUOLTEENAHU, Jani (Ed.). **Critical toponymies: The contested politics of place naming.** Ashgate Publishing, Ltd., 2009.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia do Brasil.** Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1990. 224 p.
- NASCENTES, Antenor. A saudade portuguesa na toponímia brasileira. **Letras. Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná**, n. 11, p. 102-107, 1960.
- TAYLOR, Simon. Methodologies in place-name Research. *In*: HOUGH, Carole (Ed.) **The Oxford Handbook of Names and Naming.** Series: Oxford handbooks in linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 69-86.